

Queridxs participantes e interessadxs no projeto *Cinema, Sujeitos e Territórios*,

Nosso primeiro encontro aconteceu semana passada, dia 05/04. Nele, exibimos os filmes “A Cidade é uma só?” (2011, Adirley Queirós) e “Vazio do Lado de Fora” (2016, Eduardo Brandão), com a presença do diretor Eduardo Brandão, e pudemos conversar sobre pontos de convergência entre os dois filmes. Percebemos que ambos possuem uma característica de “multiplicidade” em sua construção que causa grande empatia ao público, além de ouvirmos um pouco sobre o processo de produção do curta-metragem “Vazio do Lado de Fora”. [Mais sobre o encontro e os filmes no relato que pode ser lido clicando aqui.](#)

Sobre a dinâmica de apresentação:

Começamos o segundo encontro, dia 12/04, com uma primeira forma de apresentação bastante simples: nome, curso, período e hobbie. Apesar disso, essas quatro informações já trouxeram para a roda um pouquinho da pluralidade do grupo. Depois entramos com outra pergunta, “de onde você é?”, que acabou mobilizando uma conversa muito maior sobre nós e nossos territórios.

A ideia inicial era fazer a pergunta e bater uma palma. Após a palma viriam as respostas de todos – detalhe, ao mesmo tempo. Depois vinha o desafio: responder à mesma pergunta não com sua resposta, mas com uma resposta dada por outra pessoa. Acabamos diante de uma polifonia da qual pouco entendemos, o que era bastante esperado, mas também pensamos na hora em formas de alcançar as informações que estavam rodando pela sala: que tal se mudássemos de lugar? Que tal se todo mundo falasse no mesmo tom? Bem, aos poucos nos encontramos na brincadeira: e quantas foram as respostas que ouvimos!

“Rua”, “condomínio”, “Rondônia”, “Capão”, “Facada”, “Vitória”, “Rio”, “Jardim Catarina”, “Campinas”, “Manaus”, “Santa Catarina”, “Divisa”, e muitas mais foram jogadas na roda.

Percebemos que muitos destes lugares nunca existiram na fala original de ninguém e que foram produtos do grupo, como foi o caso de Minas, Manaus e Santa Catarina. E ainda, muitos lugares foram esquecidos, pois haviam se perdido em alguma das repetições. Em nossa pequena atividade, todos não ouviram todos, mas alguns ouviram alguns – cabe nos questionar, será que com mais algumas repetições esses nomes não-ouvidos chegariam em alguém e, assim, todos seriam ouvidos em um lugar em que todos falam?

Depois, quando identificamos quem falou cada lugar e convidamos a contar o porquê de aquela palavra vir à sua mente quando pensava “de onde você é?”, tivemos conversas que trouxeram alguma luz sobre os conceitos “sujeito” e “território” e qual a relação entre os dois. Fomos da saudade de casa até aquele que nunca saiu dela, e aquele que, ao sair, criou novas raízes e encontrou um novo lar. Falamos das dificuldades de um processo de mudança de território e de como precisamos enfrentar forças externas e internas para fazê-lo, e de como nossa constituição enquanto sujeitos nos impulsiona a

passar por esses processos: várias vezes ouvimos alguém dizendo que “eu mudei de lugar x para o y porque *queria fazer tal e tal coisa*”...

Sobre o dispositivo das fotos

Logo depois, fizemos uma atividade a partir do seguinte dispositivo:

- Dividir o grupo em duplas;
- Uma das pessoas compõe o espaço com os objetos dados;
- A mesma pessoa que organizou os objetos diz para a segunda como enquadrar e fotografar a composição;
- A segunda pessoa controla a câmera e tira uma foto;
- Cada dupla faz a atividade 2 vezes, intercalando as funções.

Esse dispositivo contém vários gestos criativos. Primeiro, o de utilizar objetos que são dados para encontrar uma configuração que lhe agrada: tivemos já aí que lidar com algumas questões, como “quais objetos vou utilizar?” ou “sobre qual porção do espaço vou dispor esses objetos?”. Depois, o gesto criativo de encontrar um lugar de onde olhar esses objetos, já que qualquer movimentação no espaço, ao alterar o que vemos e o que não vemos, altera nossa percepção desse próprio espaço. Ainda, o gesto fundamental de apertar o disparador da câmera, que vem junto com um gesto de colocar na foto o lugar de onde ela será tirada: por isso, toda foto de um objeto carrega em si informações sobre um ponto de vista que observa esse objeto – atribuir à imagem esse olhar, ou, melhor, esse lugar de onde se olha, é uma das maneiras que encontramos sujeitos no Cinema: para além de qualquer personagem, mas na imagem mesmo.

Uma parte importante desse dispositivo é o momento da troca. As fotos que fizemos têm autor? Quem seria, aquele que estava com a câmera ou aquele que dispôs o objeto e descreveu como a foto deveria ficar? Ou então seria uma autoria compartilhada? É interessante pensar que as fotos foram produto de um lugar que era acessível a mais de uma pessoa e que elas traziam em si um olhar que foi assumido tanto por um quanto por outro da dupla. E, mais que isso, no momento da projeção das imagens na tela, o olhar foi compartilhado (e acessado) por todo o grupo presente. Isso é um pouco da própria definição de Cinema, que passa por uma experiência que é ao mesmo tempo individual – cada um olha para a tela – e coletiva-universal – todos olham para a mesma tela. Alguns autores (como Jacques Rancière) tira daí que, dessa forma, as artes são lugares democráticos, onde todos podem suspender por um instante suas desigualdades e tanto quem vive, nos outros momentos da vida, em um extremo quanto quem vive no outro podem acessar a mesma obra e podem ter, cada um, a “experiência” de contemplá-la.

[As fotos que fizemos estão no Google Drive e podem ser vistas clicando aqui.](#)

...

Semana que vem não teremos encontro do projeto por conta do feriado, voltaremos dia 26/04 com a exibição de “Terra Solitária”. Mais perto da data enviaremos um email avisando.

Esperamos que tenham gostado do último encontro, no nosso próximo ajuntamento fiquem à vontade para trazer questões, desejos, angústias, atividades, e vamos construir juntos os próximos dispositivos!

Abraços,

Ana Luísa e Keven Fongaro.